

Caros amigos e amigas jornalistas, boa tarde!

É com grande satisfação que recebemos cada um de vocês no primeiro encontro da nova diretoria da Anfavea. O primeiro desse novo triênio 2019 / 2022

Antes de falar dos novos desafios, agradeço ao presidente Megale pelo trabalho desenvolvido durante os últimos anos e, principalmente, pelo apoio durante as últimas semanas de transição!

Também agradeço ao Fred e a cada um da equipe da Anfavea pelo excelente trabalho realizado. Um abraço carinhoso e meu sincero obrigado a todos vocês!

Bom, para começar, quero me apresentar. Sou o Luiz Carlos Moraes. Muitos me conhecem, talvez alguns ainda não.

Sou economista, com mestrado em Finanças pelo IBMEC. Trabalho no setor há um bom tempo, na Mercedes-Benz há 40 anos, tendo atuado em diversas áreas, tais como: automóveis, vans, ônibus e caminhões.

Particpei de várias iniciativas no Brasil e no exterior, como a abertura de novas fábricas e projetos de exportação pela América Latina.

Na Anfavea, já atuei em comissões e projetos específicos e, nos últimos 7 anos, trabalhei como Vice Presidente em diversas e importantes realizações da entidade, como o Inovar-Auto e o Rota 2030.

Hoje, assumo a Presidência da Anfavea para o triênio 2019 / 2022 com o sentimento de grande alegria!

Este será um enorme desafio profissional. Com certeza o maior da minha carreira, mas isso me motiva muito! Gosto de novos caminhos e das possibilidades que o novo nos oferece!

Antes de começar a destacar os principais desafios que a nossa indústria irá encontrar, eu gostaria de convidar o Fabrício Biondo, 1º Vice Presidente da Anfavea, para vir aqui na frente comigo

Fabrício, por favor!

O Fabrício está ao meu lado, representando os demais Vice Presidentes da nossa associação aqui presentes, e que fazem parte da nova diretoria. Eles formam o meu time, o nosso time, e irão ajudar a enfrentar os desafios da nossa indústria nos próximos três anos!

Fabrício, fale um pouco sobre você, da sua carreira e experiências para os nossos colegas jornalistas!

[CLIQUE AQUI PARA DISCURSO DO FABRÍCIO](#)

Obrigado, Fabrício. Certamente não são poucos os desafios que nos esperam!

Agora, vou explicar a vocês como estamos pensando em tratar cada um deles!

Vamos lá. Vamos fazer uma rápida reflexão sobre o que estamos vivenciando na indústria automobilística mundial: uma revolução nunca antes vista!

O que já está acontecendo lá fora, a nosso ver, é a maior, a mais impactante e mais revolucionária transformação de uma indústria. E isso está ocorrendo de forma muito rápida. O setor se transformará completamente nos próximos 10 anos, talvez até em menos tempo!

Estamos vivendo a mudança de toda uma sociedade, do comportamento do nosso consumidor, seja ele pessoa física, frotista, operador do transporte público ou agricultor.

Batem às nossas portas novas regras e metas para emissões, para CO₂, novas exigências na área de segurança veicular, melhorias significativas para a mobilidade e conectividade nos centros urbanos e na agricultura.

Começo destacando o desejo dos clientes em querer muito mais conectividade. Tanto para o seu entretenimento, como também para

recursos que aumentem a sua segurança, e que os ajudem a se deslocar de forma mais rápida, conveniente e barata.

Definitivamente, estamos rompendo barreiras físicas, tecnológicas e comportamentais!

Para a nossa indústria, isso traz um enorme desafio adicional: como tratar os dados gerados pelo usuário e pelo veículo? Como garantir a integridade dessas informações e atender às novas regras de proteção de dados?

Mas o fenômeno da conectividade não é restrito ao automóvel, também está presente nos veículos comerciais, como os caminhões, ônibus, máquinas de construção e agrícolas.

E nesse grupo o desafio é ainda maior. Estamos falando de conectividade no campo, na agricultura de precisão e na mineração, em áreas extensas e de difícil acesso.

Aliás, o setor de máquinas vem dando exemplos de como avançar na conectividade. Exemplos que servem para todo o setor automotivo, e que poderão ser vistos na próxima semana durante a Agrishow, em Ribeirão Preto, com presença da Anfavea e de vários de nossos associados.

Em segundo lugar temos os desafios na área do veículo autônomo, tanto para o automóvel como para os veículos comerciais. Nesse

sentido, temos muito a avançar no desenvolvimento da tecnologia, e em toda a sua regulamentação e infraestrutura.

A terceira área, que já está em pleno desenvolvimento, é a de serviços: apoio à mobilidade e ao compartilhamento de veículos. O novo consumidor, seja pessoa física, transportador de carga ou de passageiros, espera que nossa indústria ofereça serviços de conectividade, manutenção e de entretenimento.

Isto significa que nosso setor não vai fornecer só o equipamento, o veículo em si, mas toda prestação de serviços e inteligência operacional que está ao seu redor.

Finalmente, temos um outro desafio que é o desenvolvimento de combustíveis alternativos e eletrificação. As regras de emissões e as metas de eficiência energética nos levam a fazer grandes investimentos nessa área.

Resumidamente:

- o cliente está mudando;
- o produto está mudando;
- a oferta de serviços será cada vez maior;
- a forma de produzir, vender e usar será completamente diferente;
- o modelo de negócio se transformará.

Não seremos apenas montadoras de veículos. Precisamos oferecer soluções de mobilidade, de conectividade e de transporte muito mais completas.

Devemos também preparar nossos funcionários, oferecer novos treinamentos, traçar novos perfis de profissionais. Isso terá grandes implicações para fornecedores e para a rede de concessionários, ou seja para a cadeia como um todo.

Esse novo mundo exigirá um investimento de capital de grandes proporções que nossas empresas não serão capazes de fazer sozinhas.

A busca pela divisão de custos será inevitável. As parcerias estratégicas, ajustes e fusões já estão acontecendo. Uma grande revolução está aí! Uma grande disrupção já está acontecendo!

E o Brasil? E a indústria automobilística brasileira?

Mesmo que essas mudanças não cheguem tão rapidamente, o Brasil faz parte e é impactado por esse movimento, e ainda possui o desafio extra de balancear essa revolução com sua complexa realidade local.

Entre 2015 e 2016, o PIB Brasileiro caiu quase 7%. Neste período, enfrentamos inflação bem acima da meta, juros altos, perda da confiança dos agentes econômicos, e aumento do risco país.

Nosso setor perdeu muito, como vocês bem sabem e noticiaram. Saímos de um mercado de 3,8 milhões veículos vendidos em 2012 para 2 milhões em 2016.

Como consequência, enfrentamos capacidade ociosa, redução do número de empregos e prejuízos enormes.

Mesmo nosso país tendo passado pela maior crise econômica de sua história, só conseguimos enfrentar esse turbilhão porque nossas matrizes mantiveram os grandes investimentos previstos nas unidades aqui instaladas, fazendo grandes aportes de recursos, via empréstimos ou até com injeção de capital.

E só agora começamos a observar uma recuperação moderada, num setor que representou, no biênio 2017 / 2018, 1/3 do crescimento do PIB industrial, e 1/4 do crescimento do PIB brasileiro.

O crescimento do setor de veículos pesados, desde a metade do ano passado, é um bom indicador dessa gradual retomada da nossa economia, que neste ano também chegou ao segmento de caminhões médios.

Crescimento sim, mas é preciso ter consciência de que, infelizmente, ainda estamos muito abaixo do nível pré-crise. Em 2017 o PIB cresceu 1,1 % e em 2018 novamente 1,1%, o mesmo patamar de 2012. Esperamos manter este vize de alta para 2019.

Esta realidade é a nossa base de partida. E temos que estar bem cientes dela! Temos enormes barreiras para serem vencidas na economia brasileira:

Primeiro: como estimular um crescimento vigoroso, permanente e sustentável sem volatilidade? Como reduzir drasticamente a ociosidade da nossa indústria automobilística?

Segundo: como se inserir na nova dinâmica mundial? Como transformar o Brasil num agente ativo nesta revolução que a indústria automobilística está passando no mundo? Como participar dessa disrupção?

Nós só temos uma alternativa: buscar a competitividade e o crescimento. É crescer ou crescer!

O primeiro passo para isso é a Reforma da Previdência. A Anfavea apoia uma reforma robusta. Isso é urgente. É para ontem. Como o Ministro Paulo Guedes tem afirmado, a reforma da previdência é a 1ª prioridade, a 2ª prioridade, a 3ª prioridade.

Sem ela, o Brasil vai patinar e enfrentar um caos na economia. Não queremos ter mais um voo de galinha. O Congresso Nacional deve estar ciente de seu papel, fazer as adaptações que julgar necessárias e aprovar a Reforma da Previdência. Isso não pode ser postergado, o Brasil não pode mais esperar.

Na sequência, o nosso setor defende as seguintes prioridades:

A reforma tributária, começando pela simplificação. A Anfavea está pronta para contribuir com várias sugestões de rápida implementação.

Em paralelo, temos de atacar os gargalos que dificultam os investimentos no Brasil. Por exemplo: saldo credor de impostos. Isso é um caos.

As empresas buscaram o aumento das exportações visando reduzir a ociosidade causada pela queda do mercado interno. Isso gerou um aumento absurdo de créditos de impostos com os Estados e com a receita federal.

Nossas estimativas indicam que as montadoras, ao destinarem mais de 30% de sua produção para a exportação, são penalizadas com aumento brutal dos créditos retidos.

Esta situação é um verdadeiro paradoxo: quanto mais exportamos, mais somos punidos com a geração de créditos de impostos pagos e não restituídos.

É quase impossível convencer nossas matrizes a enviar mais recursos para novos investimentos em produtos e tecnologias, uma vez que ainda temos créditos de impostos gerados nas exportações a serem retornados - principalmente por parte dos Estados.

Estamos falando de bilhões de reais em impostos, sem perspectiva nem cronograma de devolução.

Este é um desafio a ser compartilhado com os atuais governadores, que herdaram essa dívida.

Nossa sugestão é sentar, discutir e construir um programa de recuperação de créditos a curto prazo!

Simultaneamente, podemos contribuir para a construção completa da reforma tributária, de forma que ela promova e estimule, de fato, a competitividade e o crescimento deste País.

O atual sistema tributário compromete a produtividade e impede o pleno crescimento.

Precisamos buscar também a redução do custo Brasil no comércio exterior. É muita burocracia, muita ineficiência, muitos riscos de paradas de produção, muitas taxas adicionais, além dos impostos sobre a importação.

Por exemplo: o Brasil é o único país do mundo que exige autorização, carimbo e pagamento de taxa para liberar a importação de simples airbags.

Perde-se tempo e recursos para trazer ao Brasil esse item de segurança obrigatório para os automóveis, o que poderia ser muito mais simples e rápido!

A Anfavea, quer estimular a simplificação de tudo isso. Só assim seremos mais eficientes e competitivos.

Ao lado do novo governo, também desejamos induzir o crescimento do fluxo comercial. A prioridade não é só o saldo comercial, mas sim o fluxo: queremos e vamos trabalhar por mais importação e mais exportação!

Enquanto o Brasil possui tratados de livre comércio com apenas 13 países, o México possui com 46. Esse é mais um indicador da nossa falta de competitividade.

Assim como o governo federal, a Anfavea também apoia a abertura do mercado, mas isto somente será possível com avanços simultâneos na redução do custo Brasil.

O livre comércio não é compatível com um sistema que mantém a indústria refém de altos custos e ineficiências, e que impede a competitividade do país.

Ninguém aguenta mais tanto custo, tanto recurso desperdiçado, tanta ineficiência no Brasil.

O que estamos buscando não é só para o nosso setor. É horizontal! É para todos os setores, é para toda a sociedade!

Nada é novo aqui. Já falamos sobre isso há muito tempo. A sociedade, o cidadão e os empresários estão no limite.

O que é diferente agora? O governo federal e o ministério da economia também querem seguir por este caminho.

A Anfavea pode e vai contribuir na construção das reformas necessárias. Para isso, estaremos sempre abertos para discutir alternativas, com o governo e com o Congresso Nacional.

Essa não é uma tarefa simples, mas ela é possível, e mais importante: é fundamental. A Anfavea está pronta e disposta a enfrentar esses desafios, e a colaborar com a mudança!

Se nós da indústria automotiva fizermos a lição de casa, juntamente com os demais agentes econômicos e o setor público, em 3 anos poderemos retornar ao mercado de quase 4 milhões de unidades que tínhamos em 2012.

Agora, nossa missão é buscar a competitividade da nossa indústria.

Estamos prontos. A nossa equipe está pronta para trabalhar por tudo isso!

Obrigado a todos!